

VOLTANDO DE RELANCE À PROBLEMÁTICA DA IMAGEM

VÍTOR OLIVEIRA JORGE*

O que nos diz a imagem? Diz-nos o que é e não o diz.

(...)

António Ramos Rosa¹

(...) no campo escópico, o olhar está do lado de fora, eu sou olhado, isto é, eu sou quadro.

Jacques Lacan²

Resumo: Tal como acontece com as ideias de cultura, técnica, arte, etc., a ideia de imagem foi transformada numa entidade reificada, trans-histórica, objecto da história da arte mas também de muitas outras disciplinas que hoje se debruçam sobre ela, o que se compreende bem visto vivermos numa civilização centrada na imagem. Mas essa “coisificação” de uma realidade mutável, indisciplinada e fluida por excelência, é-nos útil? Talvez, mas apenas se a considerarmos no âmbito da compreensão do campo escópico, na linha de Jacques Lacan, o que não é fácil, porque envolve toda a teorização deste complexo autor, quase ignorado entre nós, e por detrás do qual se perfilam, pelo menos, outros dois: Hegel e S. Zizek. Assim, estas reflexões devem ver-se como muito provisórias, uma simples etapa de pesquisa.

Palavras-chave: Campo Escópico; Psicanálise; Lacan; Zizek.

Abstract: As with the ideas of culture, technology, art, etc., the idea of image was transformed into a reified, trans-historical, entity, object of art history but also of many other disciplines that address it, which is easy to understand since we live in a civilization centered in the image. But is this “reification” of a changing, undisciplined and par excellence fluid reality useful to us? Maybe, but only if we consider it in the context of an understanding the the scopic field, in the line of Jacques Lacan, which is not easy because it involves all the theorizing of this complex author, almost unknown among us, and behind which at least two other more are implied: Hegel and S. Zizek. Thus, these reflections should be seen as very temporary, a simple search step.

Keywords: Scopic field; Psychoanalysis; Lacan; Zizek.

* FLUP. vitor.oliveirajorge@gmail.com.

¹ Início do poema de A. R. R. citado na bibliografia, que já serviu de mote a uma mesa-redonda de 2002 sobre a problemática da imagem – JORGE *et al.*, 2003.

² LACAN, 1973: 121.

INTRODUÇÃO

Clarividência e cegueira: eis o par de opostos com que exprimimos a nossa total valorização do entendimento, da razão, através da ideia de ver, da visão inteligente e arguta, do “insight”. Sabe-se que ver e olhar, olhar e ser olhado, em suma, toda a questão da imagem, do campo escópico, feito de um desdobramento infinito de espelhamentos, é extremamente complexa, mas também central, implicando a totalidade da cultura contemporânea. Só uma concepção redutora do ser humano poderia não entender o melindre e a dificuldade de abordar o assunto que aqui, simplesmente, aflora. Desde logo, esta problemática não pode ser reduzida a como vemos o mundo, mas antes, e muito mais interessantemente, alargada à de como somos vistos pelo mundo (por aquilo que nos rodeia e onde estamos imersos), e à questão dialética que daí resulta. Tal questão implica inúmeros autores, mas em última análise é imperioso, para a perceber, creio, entender a contribuição decisiva que Hegel deu à filosofia, e através dele, e das suas leituras contemporâneas, de Lacan (que foi muito mais do que um psicanalista seguidor de Freud) e da escola eslovena de filosofia, particularmente do seu principal mentor, Slavoj Žižek. Sem estas fontes de pensamento, e outras conexas, creio, a imagem é finalmente ininteligível, reduzindo-nos o dissertar sobre ela a uma forma pobre de ensaísmo, ou estacando na inspiração fenomenológica, que no essencial se terá esgotado – apesar de contributo importante de Merleau-Ponty –, ou no desconstrutivismo, ou ainda no cognitivismo (as neurociências e as pesquisas da inteligência artificial são muito importantes mas passam ao lado do essencial do humano).

Realmente, no século XX, deu-se uma enorme revolução no pensamento. Entre muitos outros aspectos, é claro, começámos a aperceber-nos, graças à linguística, o que significa estar incluído no campo da linguagem; e, graças sobretudo à psicanálise (lacaniana), o que significa estar incluído no campo da visão. Se, mais do que falarmos, somos falados pela linguagem, também compreendemos que, mais do que ver, somos olhados pela realidade. Isso é, penso, um ponto de não retorno³. De facto, modestamente (?), o meu objectivo seria tentar apenas, idealmente, “escapar” a uma série de “armadilhas” que espream o que se acerca desse objecto polimorfo e temível que é a imagem. Uma delas seria a da “história da arte” tradicional, ou da história da estética, ou a dos estilos artísticos, com a sua sequência mais ou menos linear de “fases” ou “momentos” em cada um dos quais a imagem se teria regido por um certo número de características, permitindo uma periodização: um

³ A respeito deste aspecto fundamental, e para uma discussão do que distingue duas perspectivas fundamentais, a de Merleau-Ponty e de Lacan sobre a questão do olhar (*regard*, em francês, *gaze* em inglês), ver FAUVEL, 2012.

exercício que já se tornou estéril. Fugindo também da história das ideias ou das mentalidades, que parecem hoje campos esgotados, gostaria igualmente, até onde possível, de me furtrar a uma visão demasiado inspirada na teorização historicista de Michel Foucault, mau grado o passo gigantesco (e fascinante) que este grande pensador deu quando definiu uma sucessão de “regimes epistêmicos” no Ocidente, entre o Renascimento e a época moderna. Igualmente evitaria a inspiração, decerto muito atrativa, da antropologia da arte, sobretudo quando esta, como acontece com Philippe Descola⁴, visa ilustrar, com imagens, as quatro grandes ontologias que o autor estruturalista definiu, à escala do mundo: a naturalista (ocidental moderna), a analogista, a animista e a totemista. Nesse caso, mais valeria uma “antropologia com a arte”, como defende Ingold⁵, do que uma antropologia da arte, que para este autor não faz sentido, no que inteiramente concordo⁶.

Decerto, os “estudos visuais” estão recamados de perspectivas variadas e aliantes, que evidentemente tendem a expandir-se, dada a omnipresença da imagem, que nos “entra pelos olhos dentro” cada dia e por todos os meios. É intrusiva, invasiva, agressiva até: tudo tende a tornar-se imagem e a ser comunicado por imagens, mesmo os trabalhos académicos, que não dispensam o “power point” ou outros modos de concatenar o sentido em modo visual. Bragança de Miranda diz que não vivemos na época da imagem⁷, porque a verdadeira imagem, pelo menos para nós ocidentais, era Deus – e seu filho Cristo (no que não estaria longe de Schaeffer, num fascinante estudo)⁸ – e Deus morreu(-nos). Sim, mas como ele próprio reconhece, essa laicização do mundo e com ele da “imagem certificadora”

⁴ DESCOLA, 2010.

⁵ INGOLD, 2013.

⁶ Ambos estes autores, que aliás muito respeito, vão, creio, para um beco sem saída: Descola num registo classificatório, derivado do estruturalismo, Ingold num registo abstratizante inspirado em última análise na fenomenologia, onde a sua inteligência (muito interessante sempre, e original, por exemplo no livro clássico citado na bibliografia, 2000), de tanto querer dissolver dicotomias, já só vê linhas (passe a caricatural simplificação...). Acontece o mesmo com muitos outros “grandes” do pensamento, igualmente fascinantes mas finalmente algo inócuos, se me é permitido o “atrevimento”: Agamben na linha de Heidegger e Foucault, terminando em reticências... e Benjamin, que também inspira o filósofo italiano, descambando num messianismo revolucionário que adia para sempre o que, penso, é preciso reconstruir de novo: o materialismo dialéctico. Materialismo e dialéctica. É isso o que de fundamental, para mim, há a (re) fazer. Por isso me tenho “inspirado” em Slavoj Zizek. Por fim, reconhecendo embora, tanto quanto posso e sei, o contributo da fenomenologia, sobretudo a de Merleau-Ponty (que influenciou Lacan), não me revejo inteiramente nela, como, também, de certo modo me fatigou o que dos estudos de semiologia ou semiótica apreendi.

⁷ MIRANDA, 2003: 131.

⁸ SHAEFFER, 2006.

parece acompanhar-se, precisamente, de uma profusão infinita de ícones de todo o tipo, e seu resvalamento de uns campos para outros⁹.

Imagens que, pelo menos desde o Paleolítico superior, proliferaram. São portanto muitíssimo anteriores à escrita, se bem que, em princípio, pareçam claramente posteriores à palavra, na história humana – mas apenas se as pensarmos como inscritas em algo (num suporte) visível, isto é, como imagens icônicas (diferentes por exemplo das imagens mentais, das imagens que aparecem em sonhos, alucinações, etc., etc., isto é, também, do mundo do inconsciente, correlativo da condição humana, da consciência, como instância da ilusão “de se ver vendo-se”¹⁰). E assim corremos o risco de cair na recorrente interrogação: que estava, afinal, primeiro? O verbo ou a imagem, o discurso ou a figura? Antiquíssimo problema (ou melhor, mito) este das origens, que nos persegue desde, pelo menos, Platão, e se acentua com o cristianismo. Porque antiguidade, origem, não é apenas na nossa tradição ontológica uma questão de tempo, mas sobretudo de fundamento. “Que está primeiro?” corresponde a perguntar o que é mais importante, o que estabelece o soco de sentido em que o resto assenta. Perguntar portanto isto, numa época digital em que tudo (até o texto, e sobretudo o sentido) parece tornar-se imagem, dar-se através da imagem, e ao mesmo tempo, devido à aceleração comunicativa, a cacofonia de palavras cobre o mundo de um manto infinito de signos sonoros, em que bilhões de palavras se cruzam ao minuto – enfim, pode parecer também produto de uma alucinação. Um dos múltiplos autores que abordou a questão de frente foi Lyotard, na sua tese de doutoramento (orientada por Deleuze)¹¹, criando o conceito de “figural”, um espaço intersticial que se insere entre o discurso e a percepção, ou seja, de algum modo, entre a imagem e o “logos”, e inspirando-se em Freud; a imagem seria apenas uma das modalidades da figura¹². Tentarei abordar este assunto, bem como toda a

⁹ Os meus “compromissos” autorais, pessoais, com este tema da imagem, exprimem-se sobretudo num estudo do rosto (contribuição para o livro coletivo dirigido por JORGE & THOMAS, 2006/2007) e noutro da performance (contribuição para o livro coletivo dirigido por THOMAS & JORGE, 2008 – v. bibliog.), ambos em relação com o meu domínio de especialidade, a arqueologia. Resultam de sessões organizadas por nós na Grã-Bretanha, no contexto dos colóquios do Theoretical Archaeology Group (TAG), respectivamente nas Universidades de Exeter (2006) e de York (2007). Para outros contributos, sugiro ao leitor a minha página no Academia.edu: <https://flup.academia.edu/VITOROLIVEIRAJORGE>. Infelizmente o pensamento arqueológico atual (o seu contributo teórico) apresenta-se, quase todo ele, anémico.

¹⁰ LACAN, 1973: 96. Ou seja, ilusão da auto-consciência, constitutiva da filosofia. ZUPANCIC, 1996: 35.

¹¹ LYOTARD, 2002.

¹² Não tenho espaço, aqui, para abordar este assunto, apenas acrescentando que Lyotard, como Foucault e outros autores, tiveram como preocupação fundamental libertarem-se da fenomenologia, do marxismo, e muito particularmente de Hegel, espécie de fantasma a que era fulcral fugir, como evidentemente à dialética, tal como era entendida na altura. Também a psicanálise lacaniana a certa altura se lhes tornou insuportável.

temática aqui apenas muito superficialmente afluída, em trabalhos futuros. Mas o grande corte, também para pensar esta questão do olhar (e da visão) e da imagem e sua função no conjunto da vida psíquica, deu-se com a psicanálise lacaniana.

De facto, do ponto de vista das “etapas” da vida de um indivíduo, ou seja, da constituição do sujeito, e sobretudo tendo em atenção a perspectiva de Lacan¹³, toda a sua teoria do campo escópico, do famoso “estádio do espelho”, e de tudo o que o seu ensinamento na linha de Freud nos trouxe, a formação do Imaginário, na sua complexa relação com as outras instâncias, o Simbólico e o Real – parece à primeira vista que a aparição da imagem (domínio do Imaginário) é cronologicamente primordial em relação à palavra (domínio do Simbólico, isto é, da inserção do indivíduo na realidade onde progressivamente irá obter a sua autonomia como indivíduo, ou seja, construir a sua fantasia). Sim, mas nós estamos imersos na linguagem desde sempre: o próprio bebé que, apesar de incluído no Real, rejubila pela primeira vez diante da sua imagem ao espelho, e ainda não é capaz de organizar-se, nem em termos de sujeito falante, nem mesmo em termos de coordenação motora do corpo, está já, desde sempre, a habitar um universo de palavras (como, certamente de imagens) que o rodeia e o ampara na sua total fragilidade¹⁴.

Para perceber a imagem, é, portanto, indispensável, como tenho repetido, compreender o que é o campo escópico, a pulsão escópica, cuja teorização foi feita há muito por Lacan, tendo influenciado inúmeros autores. Uma exposição exaustiva da mesma pode encontrar-se, por exemplo, em Quinet¹⁵. A obra de Lacan, embora obviamente apoiada na prática clínica, tem implicações filosóficas radicais, e nela a questão da imagem é central. Podemos mesmo dizer que, compreendendo a questão do campo escópico, da pulsão escópica nesta linha, acedemos com mais facilidade a todo o pensamento do autor¹⁶.

¹³ LACAN, 1973.

¹⁴ Portanto, talvez seja melhor abandonarmos a problemática sempre viciada das “origens”, e pormos a questão assim: em geral, palavra e imagem são coetâneas no ser humano, que nisso – e cá temos outro *topos* inevitável destas questões, a relação com o animal, sempre uma figura essencial para, pela negativa, tentarmos definir-nos (AGAMBEN, 2013) – se distingue as outras espécies. Ser da imaginação, mas sobretudo da pulsão e do desejo, tanto se distingue dos demais que chegou ao cúmulo de criar a ideia, hoje decadente como sabemos, de Deus – ou seja, o Outro absoluto, suporte da racionalidade do mundo, Pai protetor, último recurso, última instância. Estranho animal, o ser humano, para quem a “pulsão de morte”, base do desejo, é absolutamente constitutiva, e se liga, obviamente, à capacidade de se articular, em banda de Moebius, simultaneamente com essas três ordens convencionais através das quais a psicanálise o aborda, já referidas: o Imaginário, o Simbólico, e o Real.

¹⁵ QUINET, 2002.

¹⁶ Claro que a posição mais fácil, perante teorias que exigem muito trabalho, é sempre a de as contornar, como se não existissem, tal como de certo modo tem acontecido também com Hegel, até recentemente. Deve-se ao esloveno Slavoj Žižek, um dos autores (juntamente com Alain Badiou, e outros) mais interessantes do pensamento europeu actual, a tentativa de longo fôlego de conjugar a dialéctica hegeliana

A questão do olhar (*regard, gaze*) por oposição à visão (esquize entre olhar e visão, ilustrada por exemplo pelo quadro de Holbein “Os Embaixadores”, através da anamorfose, isto é, da impossibilidade para o observador de ver, ao mesmo tempo, aquelas figuras do poder – visão frontal – e o símbolo do que as contradiz, a morte, ou seja, uma caveira – visão de esguelha, lateral), é fundamental. Há, como diz Lacan¹⁷, uma «pré-existência de um olhar – eu não vejo senão a partir de um ponto, mas na minha existência eu sou visto de toda a parte». Como se passa isto, muito resumidamente, como se constitui o campo da visão, essencial para o entendimento da imagem no conjunto do funcionamento psíquico (e, conseqüentemente, também e em particular, da imagem a que atribuímos uma conotação ou significação estética)?

Num primeiro esquema triangular (figura 1a) nós temos a representação do aspecto geometral da visão, isto é, um aspecto oposto ao da perspectiva, que como sabemos foi inventada no Renascimento como meio “artificial” de transformar um quadro (a duas dimensões) numa “janela”, criando um “ponto de fuga” para onde convergem as linhas da imagem, dando-nos a ilusão de estar a observar uma realidade a três dimensões. Essa dimensão geometral da visão é o «(...) que me permite – escreve Zupancic¹⁸ – constituir-me como sujeito da representação, o eu/ olhar do cogito».

Num segundo esquema triangular (1b) aparece-nos a dimensão do olhar enquanto “gaze”, isto é, o olhar que as coisas (os elementos da realidade em geral) me lançam transformando-me em quadro, ou seja, na óptica de um espaço plano. Esse olhar, esse “gaze”, é um objecto parcial, objecto da pulsão escópica¹⁹. Daqui a frase de Lacan (com múltiplas variantes): «Tu não me vês a partir do lugar de onde eu te olho»; ou seja, «(...) quando o sujeito olha [*looks at*] para um objeto, o objeto já está previamente a olhar o sujeito [*gazing back*] mas a partir de um ponto de vista que o sujeito não pode ver ou ocupar, e assim o olhar [*gaze*] não é nunca excluído do nosso campo de visão»²⁰. Como acrescenta Zupancic²¹: «A dicotomia entre ver [*looking at*] e olhar [*seeing*], entre *gaze* e *the eye* ²², governa a lógica do campo escópico».

com a problemática lacaniana (ZIZEK, 2012), o que lhe permitiu por exemplo, e para não sairmos da imagem, abordar o cinema de uma forma extremamente interessante, não do ponto de vista estético, mas como matéria de reflexão filosófica. Ora, se há “linguagem” que caracteriza o nosso tempo, ela é o cinema (como certamente e até certo ponto a fotografia, etc.): sem ele, é impossível entendermos a contemporaneidade, nomeadamente naquilo que sempre qualquer contemporaneidade tem de radicalmente desfasado de si própria (AGAMBEN, 2008).

¹⁷ LACAN, 1973: 84.

¹⁸ ZUPANCIC, 1996:35.

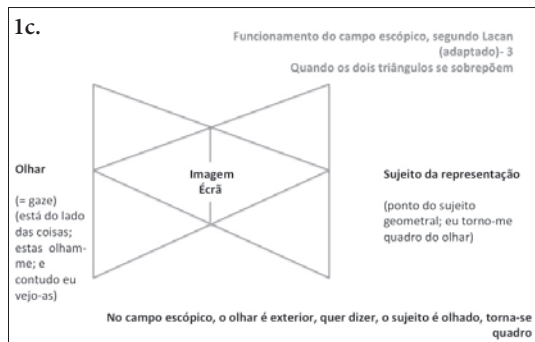
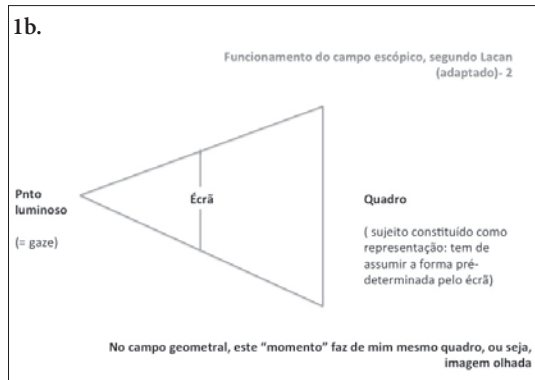
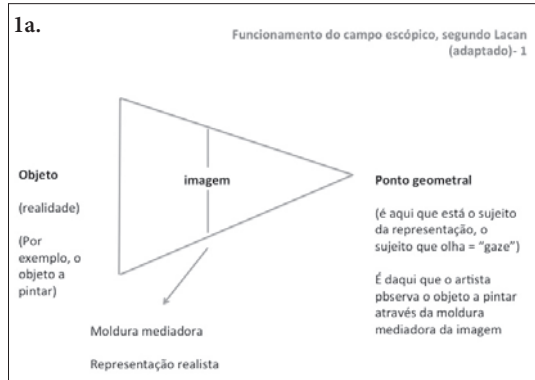
¹⁹ FAUVEL, 2012: 458.

²⁰ FAUVEL, 2012: 458.

²¹ ZUPANCIC, 1996: 35.

²² Mantenho aqui as palavras em inglês por tornarem a dicotomia particularmente expressiva. A diferença está em ver (*voir*) e olhar (*regarder*).

Finalmente, o esquema triangular 1c sintetiza os dois esquemas prévios, representando o quiasma do campo escópico, pela sobreposição (enlace) dos dois triângulos anteriores. Este aspecto é muito importante, porque a questão do olhar (e da formação e função da imagem, obviamente) é uma das questões centrais explicativas da própria formação do sujeito; esse sujeito é um sujeito cindido (desde a experiência do estádio do espelho, em que pela primeira vez se viu a si como “outro”...), um sujeito fracturado, um sujeito iludido desde logo como sujeito da enunciação, quando fala em nome de um “eu”. Como escreve Zupancic²³, o “sujeito da representação” torna-se ele próprio uma imagem exposta ao olhar [gaze] do Outro. Assim (...) a dimensão geométrica e a correspondente ilusão da consciência vendendo-se a si própria a ver-se a si própria não é anterior ao aparecimento do olhar [gaze], mas, pelo contrário, o seu efeito. Mas, para esta “ilusão” funcionar, o sujeito tem de ser cego relativamente ao objeto que está no próprio núcleo da sua identidade subjetiva.” É neste jogo de espelhos que se espelham mutuamente, nesta estruturação da realidade como fantasia, em que todavia, ao nível do simbólico eu existo e me constituo como pessoa, que a vida humana é possível. Movido pela pulsão de morte, que é fundamental, entre outras, como a escópica, o sujeito constituiu-se de uma forma mais ou menos “patológica”, isto é, sempre acompanhado do seu “duplo”, cindido da sua sombra, por assim dizer, a partir do momento em que fez a experiência inicial do reconhecimento de si no espelho.



²³ ZUPANCIC, 1996: 56.

Sou obrigado a concluir este breve texto com uma referência excessivamente rápida a uma obra comentada, desde o século que a viu nascer, por centenas de autores, e que, espantosamente, continua hoje a intrigar-nos²⁴: o célebre quadro de Diego Velázquez “Las Meninas”, exposto no Prado; talvez uma das obras pictóricas que têm atraído mais a atenção em toda a história. Sobre ele, nas últimas décadas, há o célebre texto de Michel Foucault com que este abriu o livro-choque “As Palavras e as Coisas”²⁵, o qual despoletou em Jacques Lacan uma interessante reação, particularmente no seu seminário XIII²⁶, e depois disso estudos e debates de toda uma plêiade de comentadores.

Enquanto que, para Foucault²⁷, essa obra é, na sua forma mais pura, o símbolo da “episteme” clássica (barroca), baseada na representação (o tema fundamental está ausente – supostamente o casal real que está a ser pintado na tela que não podemos ver – , o quadro atrai-nos para o interior de um espaço onde tudo é um jogo de espelhos que nos inclui como espectadores), para Lacan²⁸, diferentemente, esta obra retrata a própria fantasia que é a realidade, pondo em evidência o carácter vazio do sujeito, que, na teoria lacaniana, é apenas um significante para outro significante. Nesse sentido, Las Meninas é a própria representação exemplar, sim, do jogo escópico, na ausência mesma de algo como um “significante-mestre” que venha dar ao conjunto um sentido estável. É essa multiplicidade e instabilidade do quadro que faz dele uma obra tão impressionante (para outros detalhes ver por exemplo Quinet²⁹).

CONCLUSÃO

Estou consciente de que neste breve texto me limitei a aflorar de forma demasiado breve uma série de temas que, mesmo desenvolvidos, não apontariam para uma conclusão, uma noção centrípeta, completa, mas antes para uma posição centrífuga, de procura de pistas em vários sentidos, e portanto o mais aberta possível. A omnipresença, fugacidade, indisciplina, mutabilidade das imagens criou um campo escópico na modernidade tardia que é propriamente alucinante. Seria vão querer encontrar um nó, um ponto de confluência e de ordenação de tão caótica

²⁴ Como é próprio de toda a imagem (ou obra) realmente interessante: polivalente, inquietante, irredutível a todo o discurso interpretativo.

²⁵ FOUCAULT, 2005.

²⁶ LACAN, 1965/66.

²⁷ FOUCAULT, 2005.

²⁸ LACAN, 1965/66.

²⁹ QUINET, 2002: 155 e segs.



Fig. 2.

Diego Velázquez, *Las Meninas*
 (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Las_Meninas,_by_Diego_Velázquez,_from_Prado_in_Google_Earth.jpg).

realidade. O que é importante, sim, é explorar cada uma dessas vias, criticamente, e de forma rigorosa, e tentar encontrar as bases para perspectivas politicamente interessantes da imagem (para a subversão de um regime imagético em que ela nos domina), não a fechando em nenhum campo disciplinar, mas aproveitar a sua intrínseca indisciplina para fazer implodir qualquer academismo na abordagem do tema. Porque se o caos é uma forma de ordem, é talvez também produtor de ordens por vir.

BIBLIOGRAFIA:

- AGAMBEN, Giorgio (2008) – *Qu'est-ce Que Le Contemporain?*. Paris: Payot et Rivages.
- (2013) – *O Aberto, o Homem e o Animal*. Lisboa: Edições 70.
- AWRET, Uziel (2008) – *Las Meninas and the search for self-representation*. “Journal of Consciousness Studies”, vol. 15, nº 9. Exeter: Imprint Academic, p. 7-34.
- CAMARGOS, Liliane (2008) – *A Psicanálise do Olhar: Do Ver ao Perder de Vista nos Sonhos, na Pulsão Escópica e na Técnica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais [Dissertação de Pós-graduação].
- DESCOLA, Philippe, dir. (2010) – *La Fabrique des Images. Visions du Monde et Formes de la Représentation*. Paris: Somogy éditions d'art/ Musée du Quai Branly.
- FAUVEL, Lysane (2012) – *The blind spot and the sovereign eye: on the gaze in Merleau-Ponty and Lacan*. «Philosophy Study», July 2012, vol. 2, No. 7, p. 450-462

- FOUCAULT, Michel (2005) – *As Palavras e As Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. Lisboa: Edições 70.
- INGOLD, Tim (2000) – *Stop, look and listen! Vision, hearing and human movement*. In INGOLD, Tim, *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, p. 243-287.
- JORGE, Vítor Oliveira *et al.*, coord. (2003) – *As Imagens Que Nos Vêem*. Porto: ADECAP.
- JORGE, Vítor Oliveira; THOMAS, Julian (2006/2007), eds. – *Overcoming the Modern Invention of Material Culture*. Porto: ADECAP.
- LACAN, Jacques (1965/66) – *L'Objet de la Psychanalyse*, Sem. 13 (dactilografado). Disponível em <http://www.ecolelacanienne.net> [consulta realizada em 10/08/2016]
- (1973) – *Le Séminaire. Livre XI. Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil.
- LYOTARD, Jean-François (2002) – *Discours, Figure*. Paris: Klincksieck.
- MIRANDA, José A. Bragança de (2001) – *As imagens no início*. In ALVES, Manuel Valente, coord. – *Imagens Médicas. Fragmentos de Uma História*. Porto: Porto Editora, p. 135-147.
- (2003) – *Imagens em profusão*. In JORGE, Vítor Oliveira *et al.*, coord. (2003) – *As Imagens Que Nos Vêem*. Porto: ADECAP, p. 131-138.
- MULLER, José Marcos (2015) – *A esquize do olho e do olhar na arte: Lacan leitor de Merleau-Ponty, “Vitória (ES)”*, vol. 4, nº 2, p. 393-406.
- QUINET, Antonio (2002) – *Um Olhar a Mais. Ver e Ser Visto na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ROSA, António Ramos (2001), poema “Proposições sobre “Le Domaine Enchanté” de Magritte”. In *Antologia Poética de António Ramos Rosa*, por Ana Paula Coutinho Mendes, Lisboa: Edições D. Quixote, p. 185-188.
- SCHAEFER, Jean-Marie (2006), *La chair est image*. In BRETON, Stéphane, dir. – *Qu'est-ce Qu'Un Corps?*, Paris: Musée du Quai Branly/Flammarion, p. 58-81.
- SCHWENGER, Peter (2006) – *The Tears of Things. Melancholy and Physical Objects*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- THOMAS, Julian; JORGE, Vítor Oliveira (2008) – *Archaeology and the Politics of Vision in a Post-Modern Context*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- ZIZEK, Slavoj (1992) – *Looking Awry. An Introduction to Jacques Lacan Through Popular Culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- ZUPANCIC, Alenka (1996) – *Philosopher's blind man's buff*. In SALECL, Renata & ZIZEK, Slavoj, eds. – *Gaze and Voice as Love Objects*. Durham and London: Duke University Press, p. 32-58.